

*O aprendizado através
do contexto: Relato
de uma experiência
vinculada ao PIBID
Artes Visuais*

Denilson Cristiano Antonio

O presente artigo apresenta uma pesquisa desenvolvida para meu Trabalho de Conclusão de Curso, criando articulações entre meus interesses em pesquisa como futuro professor e a oportunidade em ser bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID) na área de Artes Visuais, no ano de 2013. Atuando e acompanhando as aulas durante um ano letivo, preparei o conteúdo, unindo a experiência dentro da sala de aula e minhas pesquisas referentes ao conteúdo planejado. O trabalho aborda a cultura dos bonecos e das máscaras, onde relato como abordei o tema e as possíveis relações que pesquisei, para poder relacionar e contextualizar com a realidade da cultura local. Transpassei as épocas explorando as culturas e a arte em torno das máscaras, para somente depois propor que cada aluno produzisse sua própria máscara. Também apresento minhas reflexões sobre a experiência de acompanhar a turma durante um ano inteiro, bem como os problemas da escola pública, analisando de um ponto de vista em que relaciono com os ensinamentos de Paulo Freire.

Palavras-chave: Contexto; Cultura; Ensino de Arte.

Introdução

Os objetivos deste trabalho foram aprimorar o censo crítico e analítico das crianças em torno do dia a dia, trabalhar a criatividade, desenvolver a percepção, ampliar o repertório e envolver os alunos em trabalhos em grupo por meio de um conteúdo que busque articulações possíveis entre as artes visuais e a cultura local.

Foquei esta etapa do PIBID para o meu trabalho de conclusão de curso, em que pesquisei sobre a cultura popular em Florianópolis, mais especificamente na cultura de bonecos e máscaras. Tinha a intenção de colocar em prática minhas ideias e metodologias desenvolvidas em relação à história da arte, tentando fazer aproximações com o contexto cultural e artístico que dos alunos. Portanto, elaborei e coletei diversas informações para construir um planejamento em que o conteúdo fosse explorado, assimilado e, partindo disso, criar relações.

Fez parte do objetivo, tentar solucionar algumas questões. Já trabalho com os alunos há algum tempo e precisava de algo que atraísse

a atenção deles, pois se tratava de uma turma difícil com diversos problemas. Queria que a trajetória marcada pelo conteúdo fosse algo que os alunos pudessem levar com eles. Alguns questionamentos foram importantes nesse momento, como: Qual conteúdo poderia fazer a relação? Qual a metodologia que deveria ser desenvolvida? Como elaborar essa metodologia? Como propor o conteúdo e a prática de forma a marcar a trajetória do aluno? E a pergunta principal: que professor me tornarei depois dessa experiência com o PIBID?

Conceitos freireanos e o procedimento pedagógico

Durante esta experiência, trabalhei como conteúdo, a história da arte, bem como artistas de Florianópolis e Santa Catarina. Também foram abordados conteúdos como a pintura e o desenho, a elaboração de máscaras e a tridimensionalidade. Para tanto, alguns princípios teóricos fundamentaram o processo de ensino e aprendizagem destes assuntos em sala de aula.

Pensando em conceitos freireanos, resolvi trabalhar o conceito da práxis, a palavra, a ação e a reflexão igual à práxis, que sugere um entendimento maior do conteúdo aplicado. Nesse caso, o ensino da Arte.

Segundo Freire,

Desta maneira, começaremos reafirmando que os homens são seres da práxis. São seres do quefazer, diferentes, por isto mesmo, dos animais, seres do puro fazer. Os animais não “ad-miram” o mundo. Imergem nele. Os homens, pelo contrário, como seres do quefazer, “emergem” dele e, objetivando-o, podem conhecê-la e transformá-la com seu trabalho. [...]. Mas, se os homens são seres do quefazer é exatamente porque seu fazer é ação e reflexão. É práxis. É transformação do mundo. E, na razão mesma em que o quefazer é práxis, todo fazer do quefazer tem de ter uma teoria que necessariamente o ilumine. O quefazer é teoria e prática. É reflexão e ação (FREIRE, 1987, p. 70).

Sempre cito Paulo Freire pela admiração que tenho por esse grande pensador da educação brasileira. Quando estou aflito ou meio perdido em minhas reflexões ou enquanto formulo os planejamentos,

gosto de ler e refletir. Então, comecei a tentar responder alguns questionamentos e encontrei no livro *Pedagogia da Autonomia*, um trecho em que tomei como base para escrever este relato:

É exatamente neste sentido que ensinar não se esgota no ‘tratamento’ do objeto ou do conteúdo, superficialmente feito, mas se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível [...]. Percebe-se, assim, a importância do papel do educador, o mérito da paz com que viva a certeza de que faz parte de sua tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos, mas também ensinar a pensar certo. Daí a impossibilidade de vir a tornar-se um professor crítico se, mecanicamente memorizador, é muito mais um repetidor cadenciado de frases e de ideias inertes do que um desafiador. O intelectual memorizador, que lê horas a fio, domesticando-se ao texto temeroso de arriscar-se, fala de suas leituras quase como se estivesse recitando-as de memória – não percebe, quando realmente existe, nenhuma relação entre o que leu e o que vem ocorrendo no seu país, na sua cidade, no seu bairro (FREIRE, 1996, p. 26-27).

Entendo, assim, que não deveria me prender somente aos livros, então fiz o processo inverso: parti do contexto em que os alunos se encontravam – seu bairro, sua cultura –, buscando na história da arte possíveis relações, onde a cognição fosse potencializada por estas relações. Em meu relato vou detalhar esse processo, não para que os leitores reproduzam ou achem que encontrei uma “receita”, mas sim, para que possam exercitar esta didática, a fim de usar os conhecimentos adquiridos nos livros por meio de um contexto válido, de acordo com a realidade de seus alunos.

A turma que trago para este relato de experiência era o 5º ano do ensino fundamental, com 28 alunos. As aulas iniciaram no dia 19 de fevereiro de 2013, eram aulas faixas – duas aulas de uma mesma disciplina que acontecem de forma seguida – e aconteciam sempre às terças-feiras. Farei um breve resumo do conteúdo desenvolvido no primeiro semestre.

Pintura e desenho foi o primeiro conteúdo do ano letivo. Tentei buscar relações com desenhos animados e animes, demonstrando como essas fazem uso de conceitos básicos da arte e tentando

aproximar o conteúdo do cotidiano do aluno. No segundo bimestre trabalhei pintura e história da arte. Levei livros em que os alunos pudessem estudar o gesto de cada artista e as diferentes características da arte em cada período, desde a pintura, as inscrições rupestres, a pintura egípcia e o nascimento da escrita até a contemporaneidade. Nas aulas relacionei o desenho com a escrita, pois, afinal de contas, as letras são desenhos que significam sons, fonemas que, dependendo da língua, mudam e o símbolo representa outro som, como o caso da letra “A” em português e em inglês. Parti de uma premissa simples: se a criança aprendeu a escrever, pode sim, aprender a desenhar, pois tanto um quanto o outro necessita de treino e dedicação. Não quero e nem penso em transformar todos os alunos em desenhistas, mas que o senso crítico seja alimentado por um repertório mais rico e, através da prática, entender a questão do gesto e das multifacetadas que esse desenho pode tomar.

Segundo Malysse (2004, p. 45)¹⁰, “os gestos artísticos seriam gestos reflexivos, nos quais o artista procura sua própria identidade, a qual é espelhada por meio da obra para a interpretação do espectador que entra por um momento na armadilha do artista ‘que se deixou pegar na sua própria armadilha’”.

Recorri, então, a Paulo Freire e questionei meu comportamento e minha posição em sala de aula. Em “Pedagogia do Oprimido”, Freire (1987) argumenta que, “o radical, comprometido com a libertação dos homens não se deixa prender em ‘círculos de segurança’, nos quais aprisione também a realidade. Tão mais radical, quando mais se inscreve nesta realidade para, conhecendo-a, melhor poder transformá-la” (p. 14).

Somente a partir do terceiro bimestre, comecei a desenvolver o conteúdo pesquisado para o meu trabalho de conclusão de curso da graduação em Artes Visuais. No início foi muito difícil, pois a turma era dispersa e encontrei muitas dificuldades para manter a turma concentrada. A bagunça, os alunos passeando na sala e as intermináveis interrupções, eram corriqueiros. Tentei vários artifícios, como ficar em silêncio até que eles notassem esta espera e se calassem por conta própria, o que às vezes funcionava, mas nem sempre deu certo. Tentei

¹⁰ Trata-se de um trecho retirado do artigo escrito por Stéphane Rémy Georges Malysse, que possui graduação em Letras Modernas Especializadas em Comunicação – Université de Paris IV (1995), mestrado em Etnometodologia e Informática – Université de Paris VII (1996) e doutorado em Antropologia Social e Visual – Ecole des Hautes Etudes em Sciences Sociales (1999). Atualmente é professora doutorada de Arte e Antropologia na Universidade de São Paulo (USP) – http://www.academia.edu/4289602/Antropologia_do_gesto_artistico_1_.

impor-me como autoridade na sala. Obtive melhores resultados, mas me incomodava muito ter que ficar chamando a atenção em tom de voz alta, me desgastava e a eles também, principalmente, pelos alunos que se comportam melhor. Então, convidei os alunos que estavam incomodando mais, a sair da sala para uma conversa em particular e solicitei a colaboração deles. Somente depois de um tempo, notei que realmente precisamos desse tempo para conhecer os alunos, as dificuldades deles, as relações com suas famílias, enfim, os problemas de cada um. Depois disso, soube, em partes, como tratar cada um.

Na verdade não existe uma receita de como se relacionar com os alunos, tentei dialogar de formas diferentes com eles, saber quem é aquele que tem afeto e aquele que tem falta, olhei para as particularidades e só então meu relacionamento com os alunos mudou – e muito. Este fato foi muito importante e veio a fortalecer minha opinião. Meus alunos são o resultado da opressão de um sistema que não está funcionando corretamente por diversos fatores, entre eles: problemas familiares e financeiros, descaso administrativo, funcionários desestimulados e com uma remuneração totalmente inapropriada para o tamanho da importância da profissão.

Sobre os professores provisórios ou ACTs¹¹, de certa forma, acredito que prejudicam o andamento do ensino. Estou olhando por um dos pontos negativos, pois há concursos anuais gerando um rodízio de professores, afastando e desmotivando esses profissionais. Por consequência, enfraquece os planos de ensino que perdem a continuidade e não dialoga com a realidade de cada escola, que pede por profissionais motivados, bem preparados, com estrutura para um ensino de qualidade. A realidade de um professor hoje precisa ser revista.

Sempre alimentado pelos sonhos pedagógicos de Freire, mergulhei fundo neste programa, a fim de buscar o professor que me preparei para ser, que é objetivo do PIBID: iniciação à docência. Fiz o trajeto pensando sobre tudo o que eu poderia relacionar, junto com esse conteúdo: questões de organização, de respeito, de foco e muito mais surgiram em meio ao que eu tentei desenvolver junto com meus alunos.

¹¹ Sigla referente a professores Admitidos em Caráter Temporário.

Segundo Freire,

Não teme enfrentar, não teme ouvir, não teme o desvelamento do mundo. Não teme o encontro com o povo. Não teme o diálogo como ele, de que resulta o crescente saber de ambos. Não se sente dono do tempo, nem dono dos homens, nem libertador dos oprimidos. Com eles se compromete, dentro do tempo, para como eles lutar (FREIRE, 1987, p. 14).

Conteúdo elaborado

A cidade de Florianópolis mantém uma tradição centenária de produção de máscaras e bonecos. A mais latente e que sobreviveu ao tempo foi a do Boi-de-Mamão, onde músicas folclóricas são cantadas, enquanto os bonecos feitos de pano, papel e madeira dançam em meio às ruas e festas da cidade.

Relacionando essa tradição com a história da arte e partindo da premissa das máscaras no Egito com as máscaras mortuárias e dos sarcófagos – além de estátuas gigantes, os deuses com suas cabeças de animais remetem a ideia de possíveis máscaras, como Anúbis, deus da morte com cabeça de lobo¹² –, fiz uma analogia à brincadeira do Boi-de-Mamão, onde o corpo é humano, mas a cabeça é de animal. Sobre a máscara de Tutancâmon (1324 a.C.), descoberta por Howard Carter, ainda me lembro do interesse deles pelo trecho que li: “enquanto meus olhos se acostumavam à luz, os detalhes do ambiente começaram a emergir na névoa, estranhos animais, esculturas e ouro” (FARTING, 2011, p. 33).

A partir do que foi comentado, comecei a explorar em quais culturas as máscaras foram peças fundamentais, como os gregos em seu teatro: a máscara de Teotihuacán da arte pré-colombiana entre outros períodos e, Picasso, na leitura da obra *Les Femmes d'Alger* (O Jogo), 1907, em que a influência das máscaras africanas é evidente, e com seus quadros. Pude debater e falar sobre a quebra de padrões estéticos presentes na arte da época e toda a transformação que ocorreu na pintura antes e depois do quadro e a desconstrução da imagem decorrente da liberdade gerada pela quebra desses padrões, na qual ainda respiramos até hoje, não poderia deixar de falar sobre os índios e a cultura de máscaras presentes em seus rituais.

¹²Século XV a.C.: retirado do livro “Tudo sobre arte” de Stephen Farting (p. 28).

A professora Janice, professora de artes da escola, também colaborou, trouxe imagens de Veneza e seu carnaval de lindos e exuberantes mascarados, mundialmente conhecido. Após o conteúdo ministrado, com ajuda de projetor e contando com imagens recolhidas de livros, da Internet e do meu acervo pessoal, parti para um contexto local. Ao falar sobre o carnaval, levei imagens da festa que acontece na cidade, com seus bonecos gigantes, que faz parte da pesquisa do meu TCC. São os bonecos do Berbigão do Boca, Maricotões, advindos das Maricotas, nome dado ao personagem que faz parte do folguedo de Boi-de-Mamão. Este é o ponto em que eu queria chegar: Allan Cardoso é o responsável pela feitura dos bonecos, conhecido como “Mestre dos Bonecos” e é uma figura já folclórica da ilha. As imagens levadas para a sala de aula mostraram parte de seu processo, em que o molde é feito com argila e hoje é feito com resina e fibra de vidro, mas os primeiros eram de papel machê. Após demonstrações no quadro, propus aos alunos que fizessem um desenho de um personagem e com massa de modelar sobre o papel construíssem e dessem volume a esse personagem: era o exercício de tridimensionalidade.

Figura 1 – Imagens de trabalhos de alunos feitos durante as aulas



Fonte: Arquivo do autor

Na aula seguinte, iniciamos as máscaras com balões de ar servindo como moldes, usando cola de araruta e papel. A cola de araruta é feita da raiz da araruta usada em farinha para fazer biscoitos. Escaldada ela cria uma viscosidade e cola muito bem o papel e, sua maior vantagem é que umedece o papel, deixando-o liso e fácil de modelar. Assim, iniciamos a papietagem, primeira etapa do feitiço das máscaras.

Durante a secagem dos balões papietados, aconteceu um imprevisto: os alunos do outro período invadiram a sala de artes e destruíram todos os balões. Não havia tempo hábil para que os alunos fizessem tudo novamente, pois o trabalho não é muito fácil, precisa de um tempo de secagem. É a parte mais difícil do processo, devido ao número de camadas, leva certo tempo e dedicação. Assim, para poder terminar minha pesquisa sobre o plano pedagógico que iria propor em meu trabalho de conclusão de curso, refiz todos os balões em casa para dar continuidade às máscaras.

Os alunos ficaram decepcionados com a destruição e a notícia de que eu refaria as máscaras os deixaram animados. Na aula seguinte, continuamos o processo, com a massa de modelar: algumas máscaras ganharam narizes, olhos, bocas e orelhas. Na aula seguinte foi realizada a pintura das máscaras.

Figura 2 – Alunos produzindo suas máscaras na sala de artes da escola



Créditos: Denilson Cristiano Antonio

A professora titular da sala relatou a ansiedade dos alunos durante os intervalos entre as aulas, conforme segue:

Ao mesmo tempo em que os alunos do 5º ano são inquietos em sala de aula, são também atraídos por materiais e técnicas capazes de levar seu imaginário até a concretização de algo especial e pessoal. Como era necessário, o professor Denilson,

¹³ A professora Janice autorizou o uso de seu nome no presente artigo.

dividiu o trabalho de criação e execução das máscaras, em várias aulas. Porém, a expectativa por um novo reencontro sempre os deixava ansiosos (quando vamos ter aula novamente? quando vamos pintar? qual material usaremos agora?). Me surpreendi com o empenho e a satisfação e orgulho ao apresentarem suas máscaras concluídas aos demais colegas (Janice Assumpção Xavier, 2013, relato oral).¹³

Para facilitar a orientação durante o processo de pintura, dividi a turma em dois grupos, em duas salas: um orientado pela professora de arte da turma e outro orientado por mim, o que não impedia que trocássemos de sala para ver como estavam sendo finalizadas as máscaras. O final surpreendeu pela qualidade e, inclusive, a professora fez uma máscara.

Figura 3 – Processo de pintura



Créditos: Denilson Cristiano Antonio

Considerações finais

O resultado das máscaras (Figura 4) foi muito além do produto final, a relação com os alunos e com a escola acabou por responder, em parte, às questões que iniciei neste relato e entendi que vou sempre buscar respostas, porque sempre vão existir questionamentos, seja sobre minha postura, sobre qual tipo de professor sou ou sobre qual conteúdo vou escolher para potencializar a cognição de acordo com a faixa etária e com as peculiaridades de cada turma. Descobri que existe uma receita para ser professor, o problema é que a fórmula muda todos os dias, pois tenho que testar novos ingredientes para manter tudo no ponto, e sempre vai desandar, mas novos ingredientes virão. Ensinar é criar receitas.

Segundo Freire,

Estudar é também e sobretudo pensar a prática e pensar a prática é a melhor maneira de pensar certo. Desta forma, quem estuda, não deve perder nenhuma oportunidade, em suas relações com os outros, com a realidade, para assumir uma postura curiosa. A de quem pergunta, a de quem indaga, a de quem busca (FREIRE, 1981, p. 10).

Figura 4 – Resultado final das máscaras



Fonte: Arquivo do Autor

Durante as aulas de máscara, uma Maricota foi feita simultaneamente de bambu, papel, pano e cola (Figura 5). Qualquer aluno poderia reproduzi-la. Demonstrei o processo, fiz somente como demonstração dos diversos empregos da técnica. Já que o ano letivo estava no final, se nesse ano de 2014 eu fosse dar aulas a esses alunos, poderia desenvolver perfeitamente o conteúdo tratando das esculturas, das pinturas tridimensionais e, dessa forma, um leque de possibilidades se abre.

Figura 5: Maricota feita de bambu, papel, tecido, massa de modelar, balão e cola



Fonte: Arquivo do Autor

Referências

FARTHING, Stephen. Tudo Sobre Arte: os movimentos e as obras mais importantes de todos os tempos. Rio de Janeiro: Sextante, 2011.

FREIRE, Paulo. Ação cultural para a liberdade. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

_____. Pedagogia da Autonomia. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

MALYSSE, Stéphane Rémy Georges. Antropologia do gesto artístico, 2004. Disponível em <http://www.academia.edu/4289602/Antropologia_do_gesto_artistico_1_> (Acesso em 18/04/2014).